



movimento dos
foculares

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO

Congresso Juntos pela Europa
Munique, 1 de julho de 2016

A EUROPA HOJE: O MANDAMENTO NOVO GERA UMA CULTURA DE UNIÃO

Maria Voce

Os primeiros passos de “Juntos pela Europa” coincidem com o começo deste novo século, marcado pela esperança de alcançar os chamados ‘objetivos do milénio’: debelar a fome; garantir a todos a escolaridade, a saúde, o desenvolvimento; retroceder o caminho da poluição, e assim por diante. Metas que estão bem longe de estarem realizadas.

Pelo contrário, durante estes breves anos, nós assistimos ao aparecimento e ao desenvolvimento do terrorismo global, assim como a um descalabro de guerras junto da Bacia do Mediterrâneo, com migrações maciças e uma crescente intolerância...

Tudo isso agita a Europa fortemente: as capitais são atingidas por atentados, as fronteiras fechadas, a liberdade perdida, a qualidade de vida – que é o símbolo europeu de igualdade – está em decadência, os valores são violados, há uma sensação de desadaptação, um medo de nos perdermos como civilização, a angústia pelo futuro...

Depois de quase 60 anos dos Tratados de Roma, no nosso continente manifesta-se uma corrente mais de desagregação do que de mais estreita integração europeia. Atitudes que demonstram uma rejeição à inclusão e à partilha. É paradoxal que a nova Europa, que surgiu com a queda do Muro de Berlim, seja agora, tomada pelo medo, tentada a fechar-se, dentro de novas trincheiras, construindo outros muros, com a ilusão de conseguir deter a História, que, uma vez mais, bate às suas portas.

O projeto da moeda única queria ter sido um grande passo novo para a união política, um novo grande momento de identidade, em que a solidariedade e a partilha da soberania deveriam representar os pilares fundamentais para o êxito dos objetivos comuns.

De facto, há dois exemplos que nos mostram que isso não se realizou: por um lado, os graves atrasos e acalorados debates que se seguiram à crise da dívida na Grécia e que prejudicaram muito as bases da solidariedade entre os países membros da União, chegando até a pôr-se a hipótese da saída da Grécia do Euro; por outro lado, a questão do Brexit e outras tendências separatistas semelhantes, põem em crise a solidariedade. Porque sair da União não é o mesmo que deixar um clube, mas equivale a deixar muito mais, abandonando radicalmente os parceiros com os quais já não se partilha o mesmo interesse de viver juntos o pacto que originou a sua fundação.

A Europa está a viver a noite dos seus princípios, a noite do seu papel no mundo, a crise dos seus sonhos. Concretamente, no nosso continente, reina uma grande confusão, pelo aparecimento de três crises simultâneas: uma crise migratória sem precedentes, juntamente com uma profunda crise económica, no contexto de uma crise demográfica.

Deixando que outros façam a análise dos motivos dessas crises, eu penso que as mais profundas causas desta situação de fragilidade da Europa atual, podem provir da negação de Deus e do transcendente, que é consequência da afirmação e disseminação gradual da cultura laicista, que quer prescindir de qualquer relação com o sobrenatural. A Europa, na busca de uma total liberdade, esquece-se que a sua cultura se formou durante estes 2.000 anos de tradição cristã. Renegar essa realidade significa cortar as próprias raízes e encontrar-se como uma árvore sem vida.

E então, tudo se desmorona? O sonho de unidade do continente está a desvanecer?

Não. Nós, movimentos e comunidades cristãs da Europa, estamos aqui juntos porque acreditamos que existe qualquer coisa que não desmorona. É o Amor. É Deus Amor.

Os nossos movimentos são portadores de carismas, sem dúvida muito diferentes entre si. Contudo, todos eles são obra do Espírito Santo. Ora, é justamente o Espírito Santo que realiza a fraternidade – passe a expressão – entre as Pessoas da SS. Trindade, e que une todos os cristãos. Portanto, o conceito de fraternidade parte do Céu e é o projeto da vida na Terra.

Todos nós, juntos, podemos testemunhar que um dia conhecemos Cristo e nos deixámos fascinar e envolver pelo seu Evangelho. Viver as suas palavras levou-nos a transformarmo-nos e a ir ao encontro dos outros, construindo relacionamentos de amor evangélico, e assim gerar comunidades, que se tornam fermento em qualquer lugar onde estejam. Redescobrimos uma nova disponibilidade de abertura para com todos, ultrapassando as fronteiras entre as Igrejas, entre as religiões, entre raças e culturas, num diálogo a todos os níveis, até nos redescobrimos todos irmãos.

Deste modo, reencontrámos a raiz da nossa cultura europeia e, com esta base, tentámos interpretar este momento atual que, como nunca antes, engloba todo o planeta e a humanidade inteira, numa perspetiva que leva ao mundo unido.

Na verdade, atualizar hoje os ideais de paz, de justiça, de liberdade, de igualdade, significa ter uma dimensão universal, que torna possível a fraternidade.

É preciso cultivar o sonho consciente e responsável de um futuro de integração criativa, onde não se cancelam as identidades, mas que possam crescer, juntas. E assim enriquecem-se e agem por um mundo mais justo e equitativo. Precisamos de superar o paradigma de uma segurança, entendida como entrincheiramento e rejeição, uma segurança falsa, para entrar num paradigma mais amplo de "segurança humana", ou seja, uma segurança que dá prioridade às pessoas e ao seu destino, a preservar a vida, à perspetiva da esperança.

Esta integração criativa pode ser vista na rede dos nossos Movimentos, também como um pequeno modelo: todos filhos de Deus, unidos e distintos, ligados pelo amor recíproco, que gera a presença de Deus entre nós ("Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles" *Mt 18, 20*). Deus é a maior oferta que esta rede de movimentos e comunidades pode dar à Europa. Esta é a nossa resposta: o Ressuscitado entre nós, que, através dos nossos carismas, consola, revitaliza, renova.

Temos a impressão de que **Juntos pela Europa** é mesmo o ente que é capaz de servir de inspiração, a pessoas ou associações, no seu esforço de construir uma Europa livre, reconciliada, democrática, solidária e fraterna: não um "velho" continente, mas um continente vivo e animado, que descobre que tem um projeto a realizar e que pode ser uma dádiva para o resto da humanidade.

Gostaria de concluir com as palavras do Papa Francisco ao Parlamento Europeu, em novembro de 2014:

“Chegou o momento de abandonar a ideia de uma Europa temerosa e fechada em si mesma, para suscitar e promover a Europa protagonista, portadora de ciência, de arte, de música, de valores humanos e também de fé. A Europa que contempla o céu e luta por ideais; a Europa que apoia, defende e protege o homem; a Europa que caminha nesta Terra segura e firme, que é um precioso ponto de referência para toda a humanidade!”